



2.^a Serie

1393

N.^o 11



CRENÇA & LETRAS

DIRECTOR

P.^o ANTONIO HERMANO

Da Direcção do Collegio Vimaranesense
de S. Dámaso



11 DE DEZEMBRO DE 1893



NUMERO ESPECIAL

DEDICADO A

S. DÁMASO

COLLABORADORES

Azevedo Coutinho — Azevedo Maia — Abundio da Silva
— Bruno d'Almeida — P.^o Antonio Hermano — A.
Moreira Bello — Albano Bellino — Dr. José Maria
Rodrigues — Arthur de Mesquita — F. Martins Sar-
mento — Dr. F. Martins — Dr. Gonçalo Vaz — Hen-
rique Gomes — Dr. José Rodrigues Cosgaya — José
d'Azevedo e Menezes — Dr. Joaquim Mendes dos Re-
medios — J. d'Oliveira — P.^o M. Capella — Mattos
Ferreira — Oliveira Guimarães — F.^o Arthur Bran-
dão — P.^o F. J. Patricio — P.^o Hermano Amandio —
Dr. Manoel d'Albuquerque — Dr. Pereira Caldas —
Rangel de Quadros — Souza Fernandes.



SUMMARIO

A Cultura do Espirito.....	<i>Azevedo Coutinho.</i>
S. Dámaso.	<i>Azevedo Maia.</i>
Uma questão pedagogica.....	<i>Bruno d'Almeida</i>
A Voz da Mãe (poesia).....	<i>Abundio da Silva.</i>
O Premio.....	<i>P.º Antonio Hermano.</i>
Prece d'um Pae (poesia).....	<i>A. Moreira Bello.</i>
Onze de Dezembro (poesia).....	<i>Albano Bellino.</i>
Dois nomes illustres na pedagogia.	<i>Dr. José Maria Rodrigues.</i>
A Crença (poesia).....	<i>Arthur de Mesquita.</i>
As egrejas dos mouros.....	<i>F. Martins Sarmiento.</i>
S. Dámaso e a litteratura ecclesiastica..	<i>Dr. F. Martins.</i>
A Sciencia.....	<i>Dr. Gonçalo Vaz.</i>
Um episodio da minha vida.....	<i>Henrique Gomes.</i>
Ao Collegial de S. Dámaso (poesia)....	<i>Dr. José Rodrigues Cosgaya.</i>
Adamans Fidei.....	<i>José d'Azevedo e Menezes.</i>
A Mulher.....	<i>Dr. Mendes dos Remedios.</i>
Instruir não é educar.....	<i>J. d'Oliveira.</i>
Doctor Maximus.....	<i>P.º M. Capella.</i>
Galopando (poesia).....	<i>Mattos Ferreira.</i>
Extincção das Escolas Academicas da Costa.....	<i>Oliveira Guimarães</i>
Preito de homenagem.....	<i>P.º Arthur Brandão.</i>
Hierarchia dos Santos Padres.....	<i>P.º F. J. Potricio.</i>
Portugal.....	<i>P.º Hermano Amandio.</i>
Dialogo entre um catholico.....	<i>Dr. Manuel d'Albuquerque.</i>
Collegio Vimaranesense.....	<i>Dr. Pereira Caldas.</i>
Crença. Patriotismo e Instrucção.....	<i>Rangel de Quadros.</i>
As festas da Instrucção.....	<i>Souza Fernandes.</i>



A Cultura do Espirito

A cultura do espirito, d'essa emanação subtil da divindade, é o complemento do sér soberanamente grandioso, excelsamente sublime, que, na escala da creação, tem o lugar mais eminente, e que, caminhando de ideal em ideal, de concepção em concepção, irradiando pelo universo as inspirações geniaes do cerebro lucidissimo, e estendendo as suas aspirações grandissimas ao espaço infinito, tem a supremacia sobre todos os outros séres.

O espirito, latente no seu involucro—a materia—precisa que a instrucção, fructo do mesmo espirito, guia da humanidade, esteio da sua historia, lhe dissipe as trevas nevoentas que lhe não permitem irradiar profusamente as suas lucilações fulgurantissimas, as quaes, penetrando no universo e transpondo o espaço, descerram os mysterios do incognito e banham de luz a figura imponente do Progresso.

A Natureza, atacada por essa potencia sublime, que nobilita o homem, conduzindo-o ao apogeu da gloria, teve de abrir-lhe os cofres das suas riquezas, apresentando-lhe as assombrosas preciosidades que encerravam, n'uma profusão phantasticamente bella, fascinadoramente deslumbrante.

Guiado por esse luzeiro brilhantissimo, por essa essencia sublime, que exerce sôbre a materia seu poderoso dominio, o homem, conhecendo a sua superioridade, desvendou os mysterios da Natureza, devassando mares e continentes, n'uma anciedade febril, desentranhando da terra as preciosas riquezas que contem, surprehendendo a gravitação dos astros, descobrindo myriades de constellações scintillantes, estudando-se na sua propria grandeza, arroubando-se na contemplação do infinito.

Mas o espirito humano, embora seja de per si um sôpro da divindade, tendendo a descerrar os mysterios do incognito, a aureolar os brilhantes feitos do homem, conduzindo-o

á contemplação do Bello, necessita, como auxiliar poderoso, que a instrucção lhe distenda os horizontes esmaltando-lh'os d'um colorido auripurpureo em que surgirá, circumdada de cambiantes de luz, a figura fascinante da Ideia.

Da cultura do espirito teem surgido todos os gigantes-cos monumentos da humanidade, todas as creações assombrosas que a Historia constantemente registra em seus annaes, toda essa apopeia sublimemente grandiosa, que atravez dos seculos immortaliza o homem, o sêr privilegiado que, traçando pela terra uma desenvolvida trajectoria, qual meteoro pela amplidão do espaço, deixa após si um rasto luminoso de fulgurações deslumbrantes, sumindo-se alfin no ponto unico d'onde partiu, no foco perenne d'onde dimanou.

Braga.

Azevedo Coutinho.

S. DAMASO

(A' minha extremosa familia!)

Uma das estrellas mais rutilantes da via-lactea do passado, lustre do solio pontificiô, Damaso é tambem uma gloria imarcessivel para este pequeno torrão patrio, e ufania alta-neira para a egregia cidade que lhe foi berço.

Teem querido alguns defraudar Guimarães, da gloria de ter sido sua patria, mas podemos affirmar sem a menor sombra de receio, com testemunhos absolutamente fidedignos, que o seu verdadeiro berço é essa vetusta e gloriosa cidade.

Recinto acanhado para os extensos devaneios do seu espirito nobre e alevantado, não lhe custou na idade juvenil deixar o amor da familia, o sorriso dos companheiros da infancia, e a admiração de todos, para ir em busca de um fanal que sua mente sonhava.

Parte para Romaa acompanhado por seu pae e tão exem-

plar foi o seu porte, tão coruscante o diadema de virtudes que lhe aureolava a genial fronte, tão juncada de candidos lyrios e esperançosas myosotis a senda que trilhava, que, em breve, conquistou geraes sympathias, e a especial protecção do papa Liberio, que successivamente lhe conferiu o subdiaconato, o diaconato e o presbyterato, acabando por nomeal-o vigario da Basilica de S. Lourenço.

Entregue ao sagrado mister do diaconato, Damaso a toda a parte levava o obulo da caridade, enxugando as lagrimas amarissimas que escaldam e avincam as faces da viuva, e calando os gritos dilacerantes da orphanidade.

Depois da morte do papa Liberio foi investido na thiara papal, e tomando a direcção do leme da maravilhosa barca de Pedro n'uma epocha em que ella oscillava temerosa n'um pelago tempestuoso de heresias, a sua mão prodigiosa soube-a temonear serena e altiva por entre todos os escarceus.

A' sua sagração seguiram-se grandes discordias movidas por uma facção de dissidentes que elegeu seu pontifice o diacono Ursino. A Basilica Sicinia, onde Damaso recebera a sua triumphante sagração, foi tingida um dia pelo sangue de mais de cento e trinta cadaveres em que os abutres de Ursino exerceram a sua sangrenta carnificina; porém, o bom senso e a prudencia de Damaso souberam levar o discolo ás agruras do exilio, d'onde só voltou quando a sua eleição estava garantida pela sancção imperial.

Vendo subjugado o seu orgulho e altivez, Ursino começou uma lucta sem treguas, não já para a conquista da thiara, que invejara, mas contra a virtude e caracter justo e digno de Damaso. Da parte de Ursino foi accusado de vergonhosos crimes pelos diaconos Concordio e Callixto que um concilio reunido em Roma em 374 condemnou, reconhecendo que era falsa a accusação: e assim a sua innocencia se estadeou immaculada, como apoz a tempestade que apavora, apparece bello e esperançoso o sol da sonhada bonança.

E, em verdade, tão eximias e sublimes eram as suas virtudes, que Santo Ambrozio chamou-lhe: «*Sacerdos initio Dei electus*».

· Protector das letras, foi tambem seu desvelado cultor, sendo numerosas e eloquentes as suas composições em verso e prosa, em estylo fluente e mavioso. S. Jeronymo a quem elle encarregou da monumental traducção da Biblia conhecida pelo nome de — Vulgata — appellida-o: «Vir egregius et eruditus in Scripturis.»

A Egreja commemora o anniversario da sua morte a 11 de Dezembro e Guimarães perputou-lhe a memoria n'um magnifico santuario edificado no seculo XVI.

Não podia o Collegio de S. Damaso cujo pregão revôa longe, escolher melhor patrono e mais illustre titulo.

· E' pela imitação perfeita e completa da vida do vigoroso athleta da Egreja que o Collegio de S. Damaso tem grangeado a maravilhosa admiração de que é alvo.

Coimbra, 10 — 11 — 93.

Axaredo Maia.

UMA QUESTÃO PEDAGOGICA

A praxe de distribuir premios entre pompas gloriosas de festas cheias de vivo enthusiasmo é antiquissima; não se pense porém que todos os pedagogistas sejam áccordes em preitear tão antigo quão diffundido costume. Ha-os, e não poucos, allemães sobretudo, que o verberam como fonte caudal de inclinações ladinas.

Dizem esses cultores da espinhosa arte de ensinar, que o premio conferido assim espectacularmente, entre os bravos d'uma assembleia elegante, e as ondas da musica, e os recamos da festa, levanta, cria, insuffla mansamente, mas fatalmente, na alma terna e impressionavel do joven o protervo e resequido sentimento da vaidade, cortejado logo pelo egoismo frio, pelo orgulho apavonado e indocil. Dizem que taes

sentimentos uma vez nascidos, copam tão virente e luxuriantemente, que a brevissimo trecho atrophiam e matam com a sua sombra gelada aquella altissima ideia divina, que tem de ser o germen inicial das acções do joven—o Dever—. Dizem que os premiados, entre os applausos da publicidade, se habituam lastimosamente a sobrepôr ao dever, á honra, á consciencia, a gloriola vã—o premio—. Dizem mais que ao inverso, nos espiritos dos que a má estrella relegou para a plana infima dos não galardoados, surgem, n'um fervilhar terrivel, os sentimentos, não menos ladinos nem menos protervos, da inveja torturante, mal soffrida e dicaz, a crystalisar-se friamente em odio que mira ao desforço, ou em despeito que descae no desanimo.

Digam porém isso e muito mais os graves bonzos da pedagogia, que eu, conduzido pela mão firme da melhor das mestras—a experiencia—darei sempre: o premio é um estimulo precioso quando presidido pela mais *céga* justiça e quando sabiamente enterpretado; e a publicidade que se lhe dá e as pompas que o cercam não só não semeiam n'alma o joio das paixões ruins, que antes firma os galardoados na senda do dever por ser mais um titulo publico a pesar na manutenção d'um nome immaculado. Ao contrario o sentimento dos não galardoados não se offende antes se congratula e anima á conquista dos mesmos louros, se não presentir por ali os laivos negros da injustiça e sim apenas o triumpho glorioso do Merito.

Na verdade a justiça absoluta é a condição primaria do premio, se ella apparece offendida, então sim, surge irreprimivel, maguado, o sentimento dos que ficaram em baixo, na plena escura e pobre dos que menos mereceram.

A VOZ DA MÃE

(A UM FILHO AUSENTE)

Filho! mais branda que o rumor da brisa
Quando perpassa no palmar alem,
E' a voz saudosa e terna que electrisa,
A voz de tua mãe!

Tem mais unção do que o murmúrio triste
Do grande mar que á praia morrer vem,
A voz que tantas vezes tu ouviste
A voz de tua mãe!

Da luz dos astros é formoso o brilho,
E mil encantos uma flôr contem,
Mas só divina e santa, ai! é, meu filho,
A voz de tua mãe!

Um dia, ao longe n'esse solo estivo
Pensa na Patria: e sem vêr ninguem
Lê n'estes versos d'um amor tão vivo
A voz de tua mãe!

*

* *

Quando inda eras pequenino
Qual florsinha em botão
Eras para mim o fino
Enlevo do coração.

E quando estavas immerso
N'um somninho creador,
Eu ia dar-te no berço
Mil beijinhos d'amor.

Ao contrario, se choravas,
Com carinho, sem rival,
Era de mim que sugavas
Puro leite maternal.

Quer 'stivesses nos meus braços
Quer no bercinho infantil
Eu dava-te mil abraços
Cantava-te canções mil.

E quando eras já crescido,
Em brinquedos folgazãos,
Folgava em vêr-te mettido
No meio dos teus irmãos.

Tinha a maior alegria
Alegria sem igual
Quando juntos eu vos via
N'uma noite de Natal.

Mas agora a sorte dura
Veio roubar-me esta paz,
És auzente, oh Deus, que agrura,
Chega a Noite, e tu não 'stás.

Mas n'essa noite de galas
Que p'ra mim galas não tem,
Ouve, meu filho estas fallas,
São a voz de tua mãe!

*

* *

Filho! O trabalho é a grande lei suprema,
Astro de luz, dourando o teu porvir;
E' uma lucta? mas quem n'ella trema,
Fé já não tem, é monstro p'ra punir.

Tens por escudo, n'essa lucta ingente
As puras crenças que eu aqui te dei:
Primeiro é Deus, o grande Deus potente,
Depois a Patria, a Honra—a tua lei.

Trabalha, filho, tua mãe te pede,
E grande gloria é hoje trabalhar.
Se vacillares pensa em mim, e cede
Aos mil exemplos que te dei no lar.

Adeus, meu filho! E n'esse solo estivo
Pensa na Patria, e sem vêr ninguem,
Lè n'estes versos d'um amor tão vivo
A voz de tua mãe.



O Premio nada mais é do que a rubrica do Merito, a memoria sensível do dever cumprido, a concretisação gloriosa do reconhecimento dos educadores ou da sociedade.

Deus nos livre de marcar o vil preço a essas veneras queridas! Seria converter em moeda fria as memorias quentes de recordações: seria affastar dos diplomas a porção de puro ideal que os valorisa: seria tirar-lhes a alma, a vida, o sentimento: seria uma abominação!

O Premio deve sê-lo como symbolo, como ideia, como penhor de gratidão; como valor, jamais.

Assim considerado, fica de pé, immaculado, em toda a sua oppulenta magestade, o Dever: fica de pé, como causal, como genese soberana e primacial do Bem.

E ai de nós se não ficára muito vivo e divinamente esplendido arregoando com as fecundantes radiações de sua graça o stracto moral de nossa alma: ai de nós se apeassemos o Dever do seu altissimo pedestal feito de Ceo!

Seja sempre e sempre o Dever o grande sol do systema moral e seja o Premio uma simples commemoração honrosa e grata dos que se não desviam da orbita traçada por aquelle fanal.

PRECE D'UM PAE

O Re del mondo,
Mi volgo a te; sei d'ogni gente il padre.

Gian Battista Nicolini.

Senhor, sobre estes filhos, que no mundo
São minhas mais queridas afeições,
Eu hoje imploro, com ardor profundo,
A benção tua, ó Rei das gerações.

Em torno á humana grei, faminto, gyra,
Cheio de embustes mil, lobo infernal :
A seus dentes crueis a ovelha expira
E o anho, sem sollicito zagal.

Dos assaltos do mal e do peccado
Meus filhos guarda, altissimo Senhor :
De um pae o coração t'ó roga anciado,
Com toda a força da alma e todo o amor !

Sem teu temor como principio certo,
A sciencia da terra é falsa e vã :
O foco de tua luz lhes seja aberto,
Desde o arrebol de sua gentil manhã.

Da vida minha as penas te offereço
Humilde, resignado, ó Summo Bem,
Mas que lhes poupes supplicante peço
As rudes provas que a existencia tem.

Dá-lhes sorte ditosa ; e se bastante
Achas que inda soffrido não terei
P'ra merecer-lhes teu favor constante,
Fere-me, que a mão tua bendirei !

Protege-lhes bondoso a mocidade,
Guia-os da vida no agitado mar,
E, quando a hora soar da eternidade,
Concede-lhes no ceo benigno olhar.

Meu Deus, meu Deus, em tuas mãos paternas
Ponho o thesouro que tão caro me é ;
Tuas misericordias são eternas :
Em ti repouso com esp'rança e fé.

A. Moreira Bello.

Dois nomes illustres na historia da pedagogia

Durante uma grande parte do seculo XVI, desempenhou Portugal um papel muito notavel na ardua e nobre profissão de educar e instruir a mocidade.

Entre os mais afamados mestres d'esta época figuram não poucos portuguezes, cujo nome constitue ainda hoje um titulo de gloria para o nosso paiz.

Immortalisaram-se então, sobretudo pelas suas aptidões pedagogicas, dous dos Gouvêas — uma familia que em menos de meio seculo teve a gloria de contar entre os seus membros uns doze professores, todos graduados em Paris.

O primeiro de que a historia nos faz menção é Diogo de Gouvêa, o velho, que chegou a ser reitor da Universidade de Paris e mais tarde principal do celebre collegio de Santa Barbara, na mesma cidade.

Foi especialmente na direcção de Santa Barbara que se manifestaram as grandes qualidades pedagogicas do insigne professor portuguez. «Diogo de Gouvêa, diz J. Quicherat, attrahiu para junto de si o que havia de mais distincto entre alumnos e mestres, e o seu collegio tornou-se, então mais que nunca, um viveiro de grandes homens.» (1)

E são precisamente esses grandes homens que lidaram com Diogo de Gouvêa em Santa Barbara, os que nos dão testemunho da probidade, saber, prudencia e zêlo, que o illustre principal possuia em tão subido grau. *Vir integerrimus, numeris omnibus absolutissimus, fidelissimum et humanitatis et probitatis exemplar, professor gravissimus, vir peritissimus, summa eruditione summaque prudentia conspicuus, pastor vigilantissimus* — taes são as expressões de que usam os que melhor conheceram Diogo de Gouvêa, como professor e como superintendente de uma casa de educação.

Quando o afamado principal de Santa Barbara teve de

(1) *Histoire de Sainte Barbe*, I, 128.

deixar a direcção do collegio, por causa dos seus trabalhos na faculdade de Theologia, succedeu-lhe n'aquelle cargo um dos sobrinhos, André de Gouvêa, que já tinha sido tambem reitor da universidade de Paris.

A reputação do novo principal, como educador da mocidade, eguala, se não sobrepuja, a do seu antecessor. «Tres palavras, diz o já citado Quicherat, resumem a historia da direcção de André de Gouvêa: tranquillidade, prosperidade, consideração. Foi o proseguimento da obra de Diogo de Gouvêa por um homem que era capaz de a tornar ainda mais perfeita. Nunca a disciplina foi mais religiosamente observada nem o quadro do corpo docente contou maiores illustrações». (1).

André de Gouvêa pouco tempo dirigiu o collegio de Santa Barbara, pois a municipalidade de Bordeus, movida pelos creditos de que tão merecidamente gosava o nosso compatriota, resolveu confiar-lhe o collegio de Guyenne, que se achava em grande decadencia.

André de Gouvêa levou de Paris professores da sua confiança, entre os quaes alguns portuguezes, e dentro em pouco o collegio bordelez attingiu um tal grau de prosperidade que Montaigne, antigo alumno do collegio, não duvidou chamar-lhe «um dos mais florescentes e o melhor collegio de França.» (2). E no dizer do mesmo notavel pensador, André de Gouvêa «foi, sem comparação, o maior principal da França.» (3).

Instado por D. João III, André de Gouvêa, que era então «o homem mais geralmente admirado no ensino das humanidades na Europa» (4), recrutou em França um selecto grupo de professores e veio organizar o *Collegio real* de Coimbra, «em que bem podessem ser doutrinados e ensinados to-

(1) *Ibid.*, 222.

(2) *Essais*, l. I, cap. XXV.

(3) *Ibid.*

(4) Sr. Theophilo Braga, *Historia da Universidade de Coimbra*, I, 494.

dos os que a elle quizessem ir aprender latim, grego, hebraico, mathematicas, logica e philosophia».

Infelizmente André de Gouvêa falleceu poucos mezes depois de ter começado a funcionar o *Collegio real*, sendo este, passados alguns annos, entregue, por ordem do monarcha, á companhia de Jesus.

Coimbra.

Dr. José Maria Rodrigues.

ONZE DE DEZEMBRO

Seja festivo este dia
 Que tanta gloria nos dá ;
 —Guimarães dizer devia,
 De longas eras p'ra cá.—
 Nunc'esta falta bem fica...
 Causa alguma justifica
 N'uma terra, embora rica
 De glorias sabidas já.

São Damazo aqui nascera,
 Do quarto seculo ao raiar;
 A Liberio succedera
 Para a Igreja governar,
 E com raro zelo o fez,
 Que, vencendo a malvadez,
 Tambem dos schimas desfez
 A crua guerra a medrar.

Quem ao solio pontificio
 Deu tão inclito varão,
 Se não der d'ufano indício,
 E' digno de punição
 Mais que de lastima; até
 Porqu'ao *Diamante da Fé*
 Injusto o desprezo é
 Que os conterraneos lhe dão.

Alfonso Henrique s' tivera
 Largos seculos... no olvido,
 Mas o berço alfim lhe dera
 Um tributo assaz merecido:
 Em marmoreo pedestal,
 Eis o horoe que em Portugal
 Foi monarcha inicial,
 Tão respeitado e temido.

Do grande Papa, já agora
 Temos bello monumento.
 E' o Collegio que vigora
 —No magestoso convento
 Que dos Jeronymos era —
 Ao qual o nome se dera,
 Como homanagem sincera
 A' Santidade, ao talento.

Oh! bem hajam os fundadores!...
 Que o Bom Patrono os proteja
 Em seus constantes labores,
 E que esta cidade veja
 Com olhos de gratidão,
 Essa honrosa instituição
 Que em sciencia e instrucção
 E' das congeneres inveja.

Gulmarães, Dezembro de 1893.

Albano Bellino.

AS EGREJAS DOS MOUROS

As egrejas, a que o nosso povo dá esta denominação, vão-se tornando raras. Distinguem-se sempre pelo archaismo da architectura; e esta particularidade, que as deveria tornar respeitaveis, é precisamente a causa da sua destruição.

E o mais curioso é que estes vandalismos constantes são praticados com as melhores intenções do mundo. Para as comunidades ruraes a igreja é todo o seu orgulho, e met-

ter-lh'a a riso, se o epigramma é certo, vale o mesmo que demonstrar-lhes a sua rusticidade insanavel.

Aqui está um exemplo frisante: haverá quatro annos, procurando algumas velharias pelo monte de Touginghó (c. de Villa de Conde), fiz uma pergunta qualquer a um sujeito que por alli passava, e, vindo a proposito dizer-me elle que era de Rio Mau, elogiei-lhe a sua egreja — uma das mais curiosas «egrejas de Mouros» que tenho visto e que alguns annos antes havia visitado por mais d'uma vez. O homem olhou-me um pouco de travez e respondeu que bem sabia que toda a gente das freguezias visinhas mofava da egreja, mas que a junta de parochia tinha deliberado «alagal-a» e fazer outra moderna. Observei-lhe com uma intimativa um pouco fingida que a sua junta de parochia estava a fazer castellos no ar, porque tinha a certeza de que o governo não consentiria na realisação do barbaro projecto. A verdade porem é que eu só tinha certeza de que a egreja do Rio Mau fôra *descoberta* (conforme as informações d'um jornal) pelo Sur. Posidonio da Silva, que a achou digna de figurar na lista dos monumentos nacionaes, mas não é menos verdade que estava intimamente convencido de que a junta de parochia podia «alagar» á vontade a sua egreja, sem que o estrondo da demolição chegasse aos ouvidos das sentinellas dos monumentos nacionaes.

Certo é que não posso escrever conscienciosamente se a egreja de Rio Mau *era* ou *é* um dos mais curiosos exemplares da architectura christã do Minho, visto não poder jurar se ella ainda existe, se não. Se realmente já *veio* a terra, fica-se sabendo o motivo porque; aquella boa gente envergonha-se de ter uma egreja mais velha que o tempo dos affonsinhos. Nas outras freguezias o mesmo; e assim vão desaparecendo estas preciosas reliquias.

A egreja do Rio Mau remonta (quero acreditar que ainda existe) á era de 1185; e, segundo as melhores probabilidades a obra de pedra não soffreu até hoje alterações sensiveis, graças á solidez da sua construcção. Digo — a obra de pedra — porque tudo o que é obra de madeira, tribuna, altares,

lateraes, etc., apresenta já esse aspecto amodernado e cha-to, que d'ha muito vae affugentando quanto era velho e ar-tístico, com grande satisfação de grandes e pequenos e ainda mais dos especuladores.

A data consta da inscripção seguinte: *Era M.C.LXXXV. Petrus* (Segue-se um nome até agora indecifrável) *indignus sacerdos cepit edificare ecclesiam istam in honore sancti Chris-tophori.*

Quer-me parecer que o modesto sacerdote não vio ter-minada a obra que «começou» a edificar. Se não me engano, comparando, por exemplo, a porta da entrada com a capella-mor, não somente se descobrem signaes de que o cinzel que trabalhou os ornatos da primeira é mais indeciso e aca-nhado que o da segunda; mas entre ambos surprehende-se uma differença d'estylo architectonico—uma como transição do chamado romano-bysantino ao chamado gothico. Não obstante isso, e talvez mesmo por isso, a pequena igreja do Rio Mau merecia uma protecção mais efficaz que a d'uma menção platónica no rol dos monumentos nacionaes.

A verdadeira protecção para estas e outras reliquias do passado só virá com a comprehensão d'este axioma—que não são ellas nem o passado que nos envergonham, mas o pre-sente e esta desnacionalisação vertiginosa que nos dementa, tornando-nos, na phrase do padre Agostinho de Macedo, ma-cacos d'outros macacos. Em quanto a esthetica dos freguezes do Rio Mau fôr geralmente adoptada, como é, não serão so-mente as «egrejas dos Mouros» que hão de desaparecer até a ultima, será o cunho da nossa nacionalidade.

Guimarães, 15-11-93.

F. Martins Sarmiento.

A CRENÇA

A alma do poeta onde não vive a Crença,
 E' triste como o dia em que não brilha o sol;
 Se soffre, se o tortura alguma magua immensa,
 Estorce-se na dôr, sem ter quem o console.

Lá, no jardim da Crença, é que floresce a Esperança
 E' ella que suavisa o pranto e a saudade;
 E' balsamo do ceo, sorriso de creança,
 Altar onde tem culto o Amor e a Felicidade!

Cóimbra, Nov. 53.

Arthur de Mesquita.

S. Damaso e a litteratura ecclesiastica

Com o triumpho alcançado pelo christianismo no principio do seculo IV abre-se uma era de esplendor para a litteratura christã, que em breve attinge o seu apogeu. Números escriptores, distinctos pelo saber e pelo genio legaram-nos obras immortaes que serão sempre uma inexhaurivel mina dos mais preciosos thesouros.

Uma boa parte da idade aurea d'essa admiraval litteratura coincide com a vida de S. Damaso.

O seu pontificado de dezoito annos viu o céu da Igreja constellado pelos mais rutilantes astros que ahi esplendem com fulgor inextinguivel.

O proprio pontifice tomou parte consideravel n'esse movimento já por suas composições de que possuímos documentos, já interessando n'elle alguns dos mais notaveis eruditos d'esse tempo, determinadamente e de modo mui especial o solitario de Bethlem.

Damaso ascendeu á cadeira de S. Pedro 'em setembro de 366 e falleceu em 11 de dezembro de 384. E' um perio-

do de prodigiosa actividade litteraria no seio da Egreja; actividade devida a causas differentes.

As discussões travadas com gentios, herejes e seismaticos deram origem a apologias e dissertações dogmaticas: o desejo que os Padres tinham de iniciar o povo christão no melhor conhecimento da Escriptura, e desenvolver o espirito de piedade provocou a redacção de tractados de exegese e de theologia mystica. A vida monastica exerceu tambem uma grande influencia no desenvolvimento das sciencias sagradas.

Por esse tempo floresciam notabilissimas escholas: a cathetica de Alexandria, sustentando as nobres tradições de Pantheno, Clemente e Origenes; a exegetica de Antiochia, de que o mais distincto representante é João Chrysostomo; e as tambem notaveis escholas syrias de Edessa e de Nisibe.

Ao contemplar essa effervescencia fecundadora de espiritos enriquecidos com dotes excepçionaes cultivados por uma educação apropriada, ao vermos passar ante nós em os registos da historia essa pleiade de verdadeiros genios, erguendo-se na magestade de seu saber e de suas virtudes, sentimo-nos subjugados de uma admiração que se não pode bem exprimir. .

Esses são verdadeiramente homens, ou antes, mais que homens.

Se uma epocha avulta no correr do tempo pelo nome dos que a illustraram, e se d'elles tira preço e honra o governo em que floresceram, o pontificado de S. Damaso logrou ser sob este aspecto um dos mais bem aquinhoados, pois n'elle floresceram eximios escriptores assim orientaes como occidentaes.

Athanasio, Ephrem, Cyrillo de Jerusalem, Basilio, Gregorio Nazianzeno, Gregorio de Nyssa, Dydimio, o cego, João Chrysostomo, Hilario de Poitiers, Optato de Milevi, Ambrosio, Jeronymo, Agostinho, todos estes, sem contar muitos outros, que, embora notaveis e distinctos escriptores, não attingiram a elevada estatura d'estes, foram contemporaneos de S. Damaso e produziram muitos de seus escriptos durante o seu pontificado.

Elle mesmo era um espirito muito culto como nol-o attestam os contemporaneos, e ainda podemos conhecer pelos escriptos que d'elle nos restam.

S. Jeronymo na *Apologia a Pammachio* classifica-o de varão egregio e erudito; no *Catulo dos homens illustres* elogia-lhe o engenho e a elegancia nas composições poeticas, que afirma serem numerosas; n'uma carta á virgem Eustochium exhortando esta á leitura de um escripto que Damaso composera em prosa e verso ácerca da virgindade colloca-o a par dos de Tertulliano, S. Cypriano e Santo Ambrosio, sobre o mesmo assumpto.

Das cartas que d'elle possuímos as mais interessantes são as dirigidas a S. Jeronymo, a quem se ligou pelos vinculos da mais estreita amizade.

N'ellas lhe propõe questões para serem illucidadas, ou o incumbe de trabalhos litterarios sobre a Sagrada Escriptura. Aproveitando assim as aptidões e os recursos excepcionaes d'este erudito recommendou a sua memoria ás benemerencias da posteridade.

Bem servio a poesia christã que cultivou em mais de quarenta producções em verso; umas lyricas, outras em forma de panygirico ou de descripção, e bastantes em forma de epitaphio.

E' de notar que foi elle um dos primeiros que, libertando-se das regras severas da prosodia do rythmo, empregaram a rima, substituindo-a á quantidade do accento rythmico, de que procedeu prevalecer o accento sobre a quantidade e d'ahi emergio a versificação dos modernos.

Por este succinto escorço é evidente como a vida de S. Damaso coincide com o periodo aureo da litteratura ecclesiastica, e como d'ella foi benemerito este pontifice.

Coimbra, Novembro de 93.

Dr. F. Martins.

A SCIENCIA

Plurimi pertransibunt, et
multiplex erit scientia.

(Daniel c 12 v 4)

A sciencia, essa alta luz dissipadora da ignorancia é uma e multipla simultaneamente; quer na sua essencia absoluta, quer nos seus incrementos realizados sob as condicções dos conhecimentos humanos.

Dilata-se o horisente das investigações intellectuaes, e cada uma das secções das immortaes doutrinas da sabia deusa tornando-se mais especulativas, conquistam o logar de distincção, para mais intimamente se irmanarem; é porque á justa-posição confusa das noções vacillantes e incertas sobrevem a subordinação hierarchica das sciencias.

Jámais os conhecimentos nos primordios de sua formação ostentaram um character puramente scientifico; os que irradiam na primeira idade da vida intellectual dos povos, manifestam, quasi exclusivamente, auctoridade divina, humana, a tradição, o instincto da verdade e o empirismo pratico da imaginação.

O avido do desejo da erudição—esse cruel verdugo do coração humano, se prende, nas primeiras erupções, a um problema universal e unico, que se excede ás investigações do entendimento, e supera as forças da razão; é a controversia da origem dos seres, que abarca o problema da origem e destino da humanidade.

As investigações do presente cedem o logar ás meditações do passado; e as escurezas da lacuna da revelação são illuminadas pelos esplendores da imaginação, que repellem a autoridade da inspiração divina: d'aqui o brotar dos mythos cosmogonicos e epicos, que encerram uma especie de philosophia instinctiva, e que aspiram a ser na historia do universo e do reino humanal, a explicação do passado, e do presente e do futuro.

Entre os povos, onde, a despeito os erros do polytheis-

mo, o espirito humano conhece rectamente a sua força, pode, apoz successivas experiencias, encontrar sua vareda e traçar paulatinamente a marcha regular e progressiva para obter os conhecimentos scientificos.

Entre os povos, onde o pantheismo tem seu exclusivo imperio, onde se escravisa a razão e liberdade humana, onde se repelle a Providencia divina, onde tudo é Deus menos o proprio Deus, a inspiração divina simulada ou imaginaria é a unica fonte dos ensinamentos scientificos servindo assim de estorvo a todo o progresso.

No oriente, o povo judeu, unico conservador da verdadeira religião, prestou consideraveis serviços para o futuro do generoso humano, mas pouco avançou no campo das sciencias.

Para os outros povos antigos do clima que do sol é aureo berço, era a maginação, que, audaciosamente, resolvia os problemas scientificos, e tambem impunha as suas resoluções em nome da inspiração divina: a razão ou emmudecia, ou se refugiava sob as apparencias de uma autoridade estranha, menospresando a legitimidade de seu methodo e exactidão de seus processos.

Na epocha presumida do desenvolvimento original das suas proprias sciencias, esses povos não possuíam nem historia, nem chronologia; quasi eram concordes em contarem a sua existencia por centenas de seculos: e era n'esta antiguidade fabulosa que elles edificaram as suas principaes descobertas, ou melhor, as suas revelações, que asseveravam terem recebido.

Após o primeiro esforço intellectual de notavel e saliente vigor ha entre elles um estacionamento, uma immobillidade, ou uma agitação esteril dentro do mesmo circulo: não haviam deparado com o fundamento do progresso intellectual.

A partir do seculo 4.º antes da era christã, as relações com o gregos, e mais tarde com os Romanos, crearam para estes povos do Oriente novos conhecimentos scientificos, que elles apropriaram, ou deturparam pelas combinações com as doutrinas, que diziam reveladas: por elles a mesma verdade apenas se manifestara sob a forma de illusoria fabula.

Os mais especulativos de todos estes povos são os Hindos: pantheistas, materialistas ou idealistas, tiveram a gloria de antecipar todos os erros dos modernos philosophos: dedicaram-se com notavel predileção, ao estudo da arithmetica e da algebra numerica.

Tem-se exaltado muito a sua originalidade na geometria: todavia esta gloria é-lhes muito contestada: a compilação de Brahmegupta, onde se julgou descobrir a prova d'essa originalidade, tem por fonte principal, senão unica, um epitome grego de uma obra de Herão de Alexandria, de que ainda restam alguns extractos.

Entre os Chins dominou sempre o empirismo pratico, sob uma autoridade despotica, baixando a regular as mais insignificantes minudencias. A sua astronomia era quasi uma arte, um pouco ennobrecida pelo seu objecto; o que tinham de melhor haviam importado da astronomia indiana e mahometana: foram missionarios europeus que á China levaram os conhecimentos scientificos.

Arabes, Medos e Persas nada progrediram no caminhar scientifico antes do islamismo.

Os Chaldeos da Babylonia entregues ás supstições astrológicas, offertaram algumas descobertas estronomias de character scientifico sómente desde o 7.º seculo antes da nossa era; sua originalidade consiste na determinação empirica do computo do tempo.

Os Egypcios assimilhavam-se aos Chinezes pelo empirismo, pelo espirito de tradição e immobildade e pelo genio para as artes uteis á vida.

Os gregos são o unico povo da antiguidade que apresenta uma historia da sciencia, que ostenta um desenvolvimento regular, um methodo racional e um principio de progresso. A Grecia enctou o estudo das sciencias naturaes pelo assombroso problema da origem de todos os seres, buscando a solução, não nas theogonias e cosmogonias religiosas e poeticas, mas nos proprios entes em si mesmos.

Surgem os pythagoricos esforçando-se por demonstrar que a sciencia universal se podia architetar *à priori* pelo

exame e interpretação das propriedades dos numeros: para elles a unidade, principio fundamental dos numeros, era Deus, principio de todas as coisas—: principio que os arremessou pela evolução de diversas escolas, ao mais claro scepticismo.

Socrates esforça-se heroicamente para salvar as sciencias, e então ensina que ellas se devem limitar ao conhecimento do homem, do seu destino e de seus deveres. Para Platão a philosophia era a sciencia de primeira plana: e não só elle mas tambem todos os proselytos das differentes escolas não conseguiram salvar os homens do immenso diluvio dos mais crassos erros.

Só o Christianismo que houve de supportar tres seculos de sangrentas perseguições, conseguira illuminar o mundo das intelligencias, dar nascimentos ás mais profundas sciencias, dirigir com mais acerto a razão humana na solução dos mais intrincados problemas, e reatar as relações entre o ser finito e racional, o homem, e a essencia divina—Deus soberano senhor e creador de todos os mundos existentes.

Braga.

Gonçalo Fax.

Um episodio da minha vida

Celebrava-se o tri-centenario do grande Camões. Andava eu então nos meus onze, apenas.

Ai! Que saudade immensa eu tenho de tempos tam bellos!

Como a vida me corria bonançosa e serena, sem o estalar d'un raio, sem o mugir d'uma vaga mais alterosa, sem o galopar de nuvens negras acossadas pelo vendaval!

Que tempos! Que tempos aquelles!

Eram o diluculo da minha vida.

Depois, vieram os acapellamentos, os estalidos metal-

licos, as empanações,—todo esse sequito horrivel das tempestades medonhas.

E hoje já vejo o crepusculo a distender-se, ao cahir da tarde. Subi a montanha e de lá, do viso, enxergo a orla do horisonte.

Quem me dêra outra vez nos meus onze, n'aquelle viver descuidado, remançoso, só de alegrias e risos! . . .

Adeante.

Celebrava-se, como ia dizendo, o tri-centenario do grande Camões.

Por toda a parte enthusiasmo e festejos. Um delirio.

A alma da patria, agradecida, desentranhava-se em mil protestos d'amor e reconhecimento ao vate que a immortalisara, cantando-a em seus carmes divinos.

Na minha villa, resolveu-se, álem do mais, distribuir premios aos estudantes de melhor comportamento e mais notavel aproveitamento.

Eu—perdoem-me a falta de modestia,—fui incluído na lista dos premiados, já não sei bem se por comportamento, se por aproveitamento.

Eramos quinze. Collocaram-nos á frente da mesa em que, sobre um panno verde, sobresahiam os premios tam appetecidos e tam invejados.

Parece-me que ainda estou a vêr, bem de perto, todos aquelles rostos tam alegres e risonhos, espelhos clarissimos da muita alegria que ia lá por dentro, nos corações.

Discursou-se muito e bem. O auditorio, sacudido pelo verbo inflammado dos oradores, rompia a todos os momentos em freneticos applausos.

Um dos meus condiscipulos, dos mais novos, recitou uma poesia.

Era uma creança de cabellos pretos, tam pretos como o azeviche, de olhos azues, tam azues que pareciam duas esmeraldas, muito viva e muito docil.

Quando terminou a recitação, abraçaram-no muitas pessoas, as mais gradas, as que tinham assento ao lado direito da presidencia.

Nós olhávamo-lo a sorrir: honrava-nos, honrando-se.

Fez-se, pelo ultimo, a distribuição dos premios. Cada alumno recebia das mãos do presidente um exemplar dos *Lusiadas*.

Esta foi, devéras, uma scena em que o enthusiasmo tocou as raias do delirio. Continuos *bravos*, ininterruptas palmas!

O presidente tinha sempre uma phrase amavel, de incitamento ao estudo, para cada premiado.

Meu pae, fitava-me com olhos a reverem lagrimas. Essas lagrimas cahiram-me no coração e ainha ahi as sinto. Eram filhas do seu muito amor. Recolhi-as e guardei-as com muito cuidado.

A academia encerrou-se ahi pelo chegar da noite.

A' porta, esperava-me meu pae. Cahilhe nos braços a chorar muito, de contente.

Em casa todos queriam ver o premio. Satisfiz-lhes o desejo.

Depois, com muito carinho, depuz o livro na estante.

E ainda ahi se conserva, sempre muito limpo, sempre muito amado.

Se elle constitue o meu orgulho!...

Collegio de S. Damaso.

Henrique Gomes.

AO COLLEGIAL DE S. DAMASO

NO SALÃO D'ESTUDO

Em silencio eloquente, magestoso
 Passando vão as horas
 Das noites d'um inverno tempestuoso,
 Ledas, consoladoras,
 Para o joven, que busca bellos dias
 Da sciencia nas eternas alegrias.

São noites mui formosas que no estudo
 A juventude passa
 Habil a cinzelar formoso escudo,
 E não de fragil massa,

Nem para embelezar castellos loucos,
Como fazem adultos, e não poucos.

Verdades a verdades ajuntando,
Seu nexo descobrindo,
Principios evidentes recadando,
E d'elles deduzindo
Luminosas e claras consequencias,
Que elementos serão depois das sciencias.

Escudos de nobreza conquistados
No folgo mais potente,
Os erros que dissipa malfadados,
E as trevas que na mente
O dominio revelam da ignorancia,
Logrando do saber a fulgurancia.

N'essa lucta viril da mente humana,
Que por saber se agita,
N'esse campo cavando d'onde emana
A sciencia, onde palpita
Honra, prazer, o bello e o bem, tudo
E se conquista com o apoio do estudo.

Brazão mais bello que de bronze ou pedra
Fixo na mente pura
Do genio nobre, que estudando medra,
Sempre depois fulgura,
E vence diques e domina mares,
Derrama luz por extranhos lares.

O fructo do silencio d'essas noites
N'esse salão passadas
Vês, Collegial, e bom será te afoites
N'estes bellas jornadas
Do estudo, que produz o bem da sciencia
Aonde as miras te levam da obediencia.

Practica das virtudes obras grandes,
Em toda idade bellas,
E Deus te guie por onde quer que andes,
E livre das procellas,
E te conceda prolongados dias
Na posse d'innocentes alegrias.

Formiga.

Dr. José Rodrigues Cosgaya.

ADAMANS FIDEI

(A EX.^{ma} SHR.^a D. ANNA ELVIRA DE FREITAS PINDELLA)

Assim chamaram ao glorioso pontifice vimaranense os padres do 6.º Concilio do Constantinopla

O *diamante* da fé era na verdade o titulo honorifico que melhor quadrava ao inclito varão, providencialmente afastado da patria para attingir as grandezas do solio pontificio, vago pela morte de Liberio (366).

Não correram pacificos os primeiros dias do novo eleito. Ursicino, amparado por amigos poderosos, disputou a thiara, mas ao cabo de porfiadas luctas infructiferas, foi exilado para as Gallias. Consolidado na cadeira de S. Pedro, o energico e sabio pontifice reinante, entre outras reformas e innovações, instituiu nas provincias longinquas os *vigarios da Santa Sé*.

Contemporaneo e amigo de Santo Agostinho, de S. Jeronymo, vivendo n'uma epocha abrlhantada por talentos de primeira grandeza, e agitada por muitos erros e controversias, S. Damaso soube dirigir habilmente o combate contra os inimigos da fé, rijamente batidos e aniquilados pela dialectica invencivel do illuminado bispo de Hippona.

Como todos os homens superiores, que têm varias aptidões, o *vimaranense*, nas horas vagas do seu difficil e trabalhoso munus, escrevia *epistolas*, fazia versos e animava as artes. Theologo e poeta, com a maior somma de conhecimentos d'aquelle tempo, o papa, hoje, festejado, definia nitidamente a missão providencial da egreja, que é: combater o erro, guiar os homens para o bem e cultivar a sciencia e as bellas-artes.

A MULHER

(Excerpto d'um inedito)

.....

Filha, esposa ou mãe, a mulher é, sempre, o ser fragil e delicado em quem se resumem todas as affeições da alma. Não lhe reconheceu a antiguidade encantos superiores. A philosophia e o direito davam-se as mãos para a desfavorecer. Platão negava-lhe a virtude; Aristoteles reputava-a perversa por natureza; Hippocrates só lhe concedia meia alma. Para a antiguidade oriental e occidental pouco mais era que uma machina de prazer. Se, emquanto filha, dependia do poder absoluto do pae, a sua condição não era mais lisonjeira quando esposa ou mãe. Nos discursos dos oradores, nos livros dos poetas, nos quadros dos artistas, figura sempre no primeiro plano a cortezã. É esta que absorve as atenções de Platão, Socrates, Aristoteles, Aristippo, Epicuro, Diogenes...

Horacio cantou em bellos versos Lítlya, Chloé, Galathéa, Phryné; Catullo sacrificou parte da sua inspiração a Lesbia, a Aemé, a Aufilena; tambem Délia e Nééra mereceram seu logar de honra nos versos de Tibullo. Pois bem! todas essas mulheres eram cortezãs! Que acontecia á esposa? era ignobilmente desprezada e tratada como um instrumento de prazer, ás vezes, apenas, como um simples objecto de troca e venda. É assim que Catão cede sua mulher Martia a um amigo—Montencio...

Todo o peso da lei caía sobre ellas inexoravelmente. Um capricho do marido podia d'um momento para o outro reduzil-as á escravidão ou á morte. A lei dava ao marido o direito da vida de suas esposas, que bebessem vinho. D'ahi vem o costume de abraçar as mulheres—*ut odor indicium faceret si bibissent*. (Moreau—Christofre). A baixa condição em que se encontravam explica bem o odio que tinham contra os maridos. A conjuração de Catilina tinha recrutado

n'ellas poderosos adeptos e no principio do V seculo, 170 mulheres foram condemnadas á morte e executadas por terem tentado envenenar os maridos.

.....

.....

A Nova-Era, aberta a chave d'ouro pelo maior revolucionario que o mundo certamente verá, nobilitou-a e engrandeceu-a, fez de Magdalena uma santa — quer dizer, extrahiu d'um charco immundo e fétido uma gota d'agua crystallina.

—Habil joalheiro do sentimento moral! fazer d'uma corteza uma perola do amor! Saudos com effusão essa idade que trouxe o beneficio immenso da regeneração da mulher e que lhe abriu nas paginas da Historia um logar unico de sublimidade!

Coimbra.

Joaquim Mendes dos Remedios.

Instruir não é educar

Que a instrucção não é o melhor da educação é uma verdade profunda e o que mais é, está na consciencia de todos... todavia, tão esquecida tem andado que eu quasi ia aventar que n'este paiz não se educa.

Não é que falem reformas e relatorios pomposos, ou minguem professores expertos e casas de *educação*. Tudo isso ha mercê de Deus, e em abundancia subida; mas nem as reformas lardeadas de pomposos dizeres, nem os estabelecimentos scientificos empavesados de mentiras lentejouladas, nem a numerosa classe docente, visam em geral a mola real da educação—o sentimento.

Eu ia atrever-me a chamar quasi paradoxal ao regimen educativo de nossas escolas! Descura-se barbaramente, anti-patrioticamente o que a alma do infante tem de mais nobre —o coração—, deixa-se germinar crescer o habito ruim, o

futuro vicio, n'um descuido estolido, assassinate! E assim se vae preparando para esta adorada patria portugueza um futuro cor de treva densa, muito negra.

E' por isso que me descubre agredido e reverente perante quemquer que sabe abrir uma exceção á incuria e levantar alto a pendão de educação sã e patriotica.

Porto.

J. d'Oliveira.

DOCTOR MAXIMUS

*Nemo scivit quod Hieronymus ignoravit.
(Augustinus).*

É um santo da minha especial devoção o doutor maximo S. Jeronymo; não tanto por temor dos coriscos lhe ganhei este entranhado affecto, como por aquelle feitio moral muito seu, inconfundivel, incomparavel.

Terá para isso concorrido uma certa *convivencia* durante a minha estada no collegio da Formiga.

N'um canto escuso de certa dependencia da sacristia, d'entre varias cousas sem nome para alli a esmo, pareceu-me d'uma vez estar de lá mirando um *ólho* pintado em telas. Sacudido o trapo e cuidadosamente libertado de mil adherencias varias, foi-nos gradualmente restituindo um S. Jeronymo, depois unico ornato da pobre cella, a do n.º 17 com exposição ao N. que é vento da minha terra.

Não era, certo, um primor; aquella cabeça porém que nobre e austera! aquelle olhar penetrante encantava-me, e vigiava-me tambem. Ganhei-lhe muita amizade, muita.

Com isto coincidiu haver por presente do meu amigo e director do collegio dr. Cosgaya o volume das *Epistolas Selectas* do santo doutor.

Foi um encanto que durou muito tempo e peço a Deus não acabe de todo. Quantos horas despercebidas em gastar aquellas paginas onde lateja a grande alma de Jeronymo vasta, profunda, agitada como um mar!

Que vigor d'estylo, que valentia de polemista, que trabalhos d'exegeta, que austeridade de solitario, que zelo d'apostolo!

Às vezes embrenhava-se na solidão, esquecia-se no estudo a ponto de parecer «dormir», como em carta lhe mandava a dizer o nosso S. Damaso: *Dormientem te et longo jam tempore legentem potius quam scribentem* etc.

A isto responde que, mal recebera a carta d'Elle, como logo chamara amanuense para lhe escrever incontinentemente: e acrescentava «Trago entre mãos um livro que pretendo dedicar-te, para que não julgues dormir quem lê sem escrever: *Ne existimes tantummodo dormire, qui lectionem sine stilo somnum putas.*

Pois este amigo quasi familiar do grande pontifice Damaso, por elle tantas vezes consultado, este «doutor maximo», lume da Igreja universal, vendo-se lá no oriente solicitado pelas diversas facções que o arianismo excitara, nada decide por si, mas supplica ao papa, ao proprio Damaso, lhe defina os pontos controvertidos ou lhe signifique com quaes egrejas deva bandear-se, isto n'um tom por tal forma instante e humilde, que toca as raias do pathetico:

«Pela cruz do Senhor vos choro, pela honra da nossa Fé, pela paixão de Christo que queiraes na realidade exercer o officio dos Apostolos, cujas honras tendes.

Assim vos assenteis como juiz entre os doze, assim outro vos cinja na velhice como a Pedro, assim obtenhaes no céo um principado com Paulo, como me annuncieis por escripta com qual das facções hei-de eu commungar na Syria.

Não desprezeis esta alma por quem—Jesus Christo morreu!

Noli desplicere animam pro qua Christus mortuus est.»

Estas ligeiras referencias do grande doutor, «a cujo saber ninguem conheceu limites ou pôde exceder», segundo a phrase um tanto ambigua de seu amigo e respeitador S. Agostinho, pareceu-me não iriam de todo descabidas n'uma

festa academica a S. Damaso, na antiga casa de S. Jeronymo,
dos monges da Costa em Guimarães.

Meu S. Jeronymo da Formiga!...

Vianna.

Martins Capella.

GALOPANDO

Quantas vezes mais rapido que o vento,
povos, reinos eu talo em meu corcel!
E rios, serras, burgos, cento e cento,
vejo ir passando n'um veloz tropel,
quantas vezes, mais rapido que o vento!...

E descubro-me, alfim, como um cruzado,
ao vêr ao longe, a capital augusta,
sob os ceos de um azul immaculado...
E ao rio, á ponte, á cupula vetusta,
eu descubro-me então, como um cruzado!

Pelas ruas e praças sonoras,
nitre e galopa o meu corcel ardente!
Véem saudar-me estatuas gloriosas;
passo entre ruinas de uma heroica gente,
pelas ruas e praças sonoras!

Cruzo os templos de lumes constellados.
Ante a custodia enrola-se o incenso.
Para o chão vejo os crentes inclinados.
E, emquanto o orgão geme austero e immenso,
côrro os templos de luzes constellados!

E embora um regio paço e emporios d'arte
me vençam com primôres do cinzel,
oh meu corcel, mal podem soffrear-te
os immortaes, os deuses do pincel,
n'um regio paço e nos emporios d'arte!

Ergo sepulchros, volvo o pó de extinctos,
do subsólo nas grutas galopando.
Palpo na terra e em mil despojos tinctos
do sangue fertil de um heroico bando...
Ergo sepulchros, volvo o pó de extinctos!

Rancando lume ás pedras da calçada
 já ponte e forte deixa após de si:
 o meu ginete dá por fim entrada,
 na praça nóbre que se estende alli,
 rancando lume ás pedras da calçada.

O templo é quasi a sós. As multidões
 as naves não inundam. E altas trompas
 não vibram já, por entre acclamações,
 no altar vendo-o surgir por entre pompas;
 que o templo, oh vêde-o! é só, sem multidões!

«Avante, avante!»—ao meu fouveiro eu grito.
 Tudo lhe é franco—os hortos, os museus,
 galerias, salões, té que o Proscripto
 topa cercado dos ministros seus...
 E ao meu corcel não mais—Avante!—eu grito!

«De longe chego para vêr-te!»—digo.
 —Venho a cruz oscular, sobre o teu pé!
 Co'a benção d'essa mão, santo mendigo,
 novas flammæ accende em minha fé!...
 De longe vim. Agora á patria eu sigo!...»

E volto estrenuo de tão longa via,
 como um guerreiro, que não teme azares,
 de animo heroico e impavida ousadia.
 E ao vêr-me, enfim, tornado aos patrios lares,
 do meu corcel me apeio—a phantasia!...

Mattos Ferreira.

Priór em Cintra.

Extinção das Escolas Academicas da Costa

Foi glorioso para o convento da Costa o tempo da existencia d'estas escolas e quem hoje visitar o edificio, onde habitaram os jeronymos, encontra vestigios bem evidentes d'esse antigo esplendor, disse eu algures (1).

(1) Discurso proferido na Academia litteraria de 46—5—92 no Seminario de S. Ant. e S. L. Gonzaga.

Referia-me á inscripção lapidar, que o padre Caldas publicou a pag. 306 da sua obra *Guimarães, apontamentos para a sua historia* e que se encontra na parede exterior do grandioso templo de Santa Marinha da Costa, inscripção que prende sempre a attenção do investigador curioso.

Este collegio, cujas escolas eram muito frequentadas, não só dos religiosos, mas de muitas outras pessoas ecclesiasticas e seculares, attingiu no meado do seculo XVI esplendido brillantismo, devido á Bulla *Ex parte Celsitudinis* expedida pela Penitenciaria romana a 7 de novembro de 1539 a instancias d'El-rei D. João III. Este documento pontificio tornou o Collegio da Costa n'uma Universidade em ponto pequeno, pois lhe facultou a graça de que o seu Prior podesse conferir graus em artes, theologia e philosophia (2).

Terminou este collegio, não sabemos quando nem por que fatalidade de circumstancias, diz o padre Caldas na obra citada. Esclareçamos este ponto.

A Universidade foi transferida para Coimbra em 1537. D. João III cuidou com todo o afan de a elevar ao mais alto grau de florescencia e para isto empregou todos os esforços, alem de muitas outras providencias governativas, para ahi reunir todos os estudos maiores, que se achavam dispersos por diversos estabelecimentos litterarios.

As ordens religiosas viram-se conseguintemente na necessidade de fundarem collegios em Coimbra para ali congregarem aquelles de seus membros que aspirassem aos graus universitarios e n'estas fundações não lhes faltou o auxilio e protecção do monarcha.

A ordem de S. Jeronymo cuidou desde logo de acompanhar este movimento e Fr. Diogo de Murça, que occupara na Costa o cargo de prior do mosteiro e reitor do collegio, foi por certo um dos principaes instigadores d'esse impulso. O seu modo de pensar identificava-se com o de D. João III: reunir na Universidade os estudos maiores, era o intuito de

(2) *Corpo Diplomatico portuguez*, por L. A. Rebello da Silva, tom. IV pag. 215.

quem pouco tempo depois exerceu o elevado cargo de reitor no nosso primeiro estabelecimento scientifico (1).

Fr. Diogo de Murça foi nomeado reitor por provisão regia de 5 de novembro de 1543 e passados poucos dias em instrucções expedidas ao embaixador portuguez na curia romana, acompanhando uma carta regia escripta de Villa Franca a 17 do mesmo mez, já se diz que o collegio da Costa se transferiu para Coimbra. E' portanto crível que já antes da sua elevação á prelatura da Universidade Fr. Diogo cuidasse da transferencia do Collegio da Costa.

Alem das considerações que deixamos expostas, boas razões aconselharam esta mudança; aqui as apresentamos, copiadas textualmente das referidas instrucções: «O dito Colegio dos Jheronimos, que até eguora esteve no moesteiro da Costa, se muda per mandado de Sua Alteza a Coimbra; porque, pera o collegio ser como deve, e os religiosos, que nelle estiverem terem mestres soficientes, que os bem possam ensinar, he necessario que este em Coimbra, onde ha estudo geral, e ha muitos mestres e doutores em theologia e artes, de que podem aprender os ditos religiosos, e grande eixercicio de letras, o que nam podiam ter no dito moesteiro da Costa tam inteiramente» (2).

E com effeito em 1550 está já edificado em Coimbra o collegio da Ordem de S. Jeronymo, no que teve parte Fr. Diogo de Murça e D. Fr. Braz de Barros (3).

Com o que fica dito está fixada a epocha em que terminou o collegio da Costa e as circumstancias que para isso imperaram e elucidado, tanto quanto nos foi possivel, o ponto escuro que o padre Caldas nos deixou.

¹ Tagilde—48:3.

Oliveira Guimarães.

(1) *Revelações da minha vida*, por S. J. da L. Soriano, pag.

123.

(2) *Corp. Dip. port.* tom. V pag. 280.

(3) *Revelações*, etc. pag. 132 e 193.

PREITO DE HOMENAGEM

N'uma epocha em que a instrucção se diffunde por toda a parte, é justo, é alevantado que a iniciativa particular que se dedica do coração a derramar o benefico alimento do espirito, grave em caracteres indeleveis os seus feitos e esforços, acercando-se de seus filhos em dia festival.

Nada mais grandioso, nada consubstancia mais as aspirações do bem do que premiar actos dignos de serem publicados.

A instrucção que arranca o homem das trevas para a luz, que o habilita a occupar um logar distincto na sociedade, é o maior e melhor patrimonio com que se póde dotar o individuo desfavorecido dos bens da fortuna.

Se lançarmos uma rapida vista por sobre os povos mais cultos, veremos que quanto mais adiantados, mais elles desejam progredir moral e materialmente.

E este facto não é impulsionado pelo luxo, pela ostentação ou pela vaidade, mas sim pelo justo triumpho de ideias moraes, pelo alcance da felicidade, pela conquista da liberdade mais ampla e mais bem entendida.

A instrucção, bem como o sol fertilizador, que leva a vida, o vigor e a abundancia a toda a parte, illumina os povos, anima-os, engrandece-os, fal-os prosperar.

A ignorancia, bem ao contrario, afflige o homem, inquietta-o, martyrisa-o com a impossibilidade de poder conhecer e avaliar da rasão das cousas, dos phenomenos e das leis que as regem.

Nada como isto prova pois a necessidade que o homem tem dese instruir.

A herança dos nomes, a genealogia, os pergaminhos herdados não valem nem servem de tanto; hoje considera-se o homem em si mesmo, esquecem-se as tradições gloriosas dos nossos maiores, vale mais effectivamente a obra individual.

O nascimento, para nos servirmos da phrase d'um nos-

so classico. é igual em todos, mas as obras é que fazem os homens differentes.

E' por isso que nós vemos homens, vindos das classes mais humildes, assumirem pela sua vasta erudição, pelo seu talento os primeiros e mais altos cargos do Estado.

E' por isso que a Patria tende sempre a galardoar os seus homens mais distinctos nas lettras, nas armas, nas artes e na politica.

E' por isso que os filhos do Collegio de S. Damaso pódem conquistar amanhã com o alargamento da esphera de seus conhecimentos um logar distincto entre seus irmãos das lettras.

E' por isso tambem que nós com justo motivo tributamos aqui o nosso preito de homenagem á sabia Direcção e ao distincto professorado de Estabelecimento já tão reputado e que, embora fosse de razão que mais nos dirigisse-mos áquelles que por talento, applicação e moralidade, conseguiram os honrosos diplomas com que vão ser galardoados, levamos as nossas palavras de animação e louvor a todos os alumnos.

E o torneio abre-se de novo, restam ainda diplomas para mais, é franco o accesso, subi, subi, para honra da Patria, proveito vosso, gloria de vossas familias e satisfação de vossos mestres.

Porto, 23-11-93.

P.^e Arthur Brandão.

HIERARCHIA DOS SANTOS PADRES

ESTUDOS DE LITTERATURA SACRA

A época em que floresceu o notavel vulto apostolico, o pontifice S. Dámaso, é a que mais se presta a um desenvolvido estudo sobre os meritos dos grandes escriptores e notaveis oradores, que em repetidas polemicas vingaram a pu-

reza da moral christã e a evidencia das verdades da religião.

Este pontifice patenteia mesmo uma certa dedicação em se consagrar a trabalhos litterarios, principalmente na epigraphia, de que deixou como formosos modelos algumas inscripções compostas em apreciaveis versos latinos, como tambem em apurar a verdade das sagradas escripturas, adoptando a *vulgata* de S. Jeronymo e introduzindo algumas modificações na recitação do Officio Divino.

Era natural o seu pendôr para o florescimento das sagradas lettras em uma epocha em que viviam deslumbrando pela virtude e pelo talento esses luminares da sciencia catholica que se chamaram S. Agostinho, S. Jeronymo, S. João Chrysostomo, S. Basilio e S. Ambrosio.

Depois, estavam n'este periodo historico face a face, frente a frente, as tendencias de duas escholas tão caracteristicamente diversas como os dois paizes que as dominavam — a Grecia e Roma.

A feição dos padres da igreja grega é a inspiração da poesia e da arte revelada no primôr dos seus escriptos, emquanto que nos padres da igreja latina sobresahe o argumento e a polemica; nos padres da igreja grega destaca-se o dogma exposto á luz da sciencia com todo a sabôr philosophico, e nos padres da igreja latina ha os cuidados da moral, o vigôr da vida, o estudo das condições do homem em lucta com a sociedade e revela-se sobre tudo o espirito da organização e disciplina: aquelles parecem-nos mais theoreticos e estes mais praticos.

Mas o que todos os Santos Padres são, o que os avulta, é o espirito da sciencia mais elevada, ligado á virtude mais sublime, por isso hesitamos sempre em poder proclamar como superiormente mais bella a phalange que costumamos classificar como d'uma ou d'outra igreja!

Em face mesmo da grande divisão que se tem feito dos padres da igreja do Oriente e dos padres da igreja do Occidente, nós admiramos esses talentos superiores, essas illustrações valiosissimas, esses genios extraordinarios, esses oradores inspirados e escriptores fecundissimos quer elles se cha-

mem Origenes, S. Justino, S. Athanasio, S. João Crisostomo, S. Gregorio Nazianzeno, S. Basilio; quer elles se chamem Tertuliano, S. Ambrosio, S. Anselmo, S. Agostinho, S. Clemente, S. Cypriano e S. Jeronymo; gregos ou romanos, glorias da egreja do Oriente ou da do Occidente, são dignos de altissima veneração pelo muito que trabalharam nos combates da fé e pelo que se esforçaram em dar todo o resplendôr á verdade das crêças religiosas.

Que formissima hierarchia de sabios em que a vida das sagradas lettras se desdobra exuberante como a fonte que alimenta o arroio, como o arroio que vivifica o rio, como o rio que se dirige ao mar, assim estes grandes luzeiros enchem e rebrilham no oceano amplissimo em que voga sobranceira a todas as procellas a arca santa da eterna doutrina!

Que deslumbrante hierarchia em que a virtude sobre-doura e illustra os labôres intellectuaes, como a raiz que se alimenta da terra para dar a seiva ao arbusto, que se desenvolve em planta, desdobra-se em ramagem, distingue-se em flôres e opulenta-se em fructos, assim se tornam fruto de edificação e de vigôr nas crêças catholicas os estudos a que nos convidam as obras dos Santos Padres!

Porto—1893.

P.^e F. J. Patricio.

PORTUGAL

Como eu amo esta terra abençoada, em que tive a dita de nascer!

Como me parece sempre bella e encantadora esta faxa de terra, que se estende desde as formosas margens do Minho até ao cabo de Santa Maria!

Que alegria me vai n'alma, quando leio as paginas brilhantes da nossa historia!

Que profunda tristeza, que enorme desalento se apode-

ra de mim, quando medito nas desditas, que ora affligem a minha querida patria!

Que differença, que contraste! Outrora fortes e gloriosos dominamos o mundo; hoje fracos e humilhados somos espezinhados pela força bruta das grandes potencias

Mas não! O nome portuguez será sempre glorioso emquanto se não anniquilar a historia, onde estão registados em paginas d'ouro os nossos feitos gloriosos.

Podem anniquilar-nos, tirar-nos a independencia, riscar-nos do rol das nações europeas; mas o nome de Portugal, esse jamais conseguirão fazel-o cair no olvido, porque está vinculado ás maiores conquistas da civilisação e do progresso.

O apparecimento de Portugal como nação independente é já de si uma gloria. Os lusitanos conceberam a idea da independencia e para a realisar tiveram de lutar como heroes, derramar muito sangue no campo da batalha. Foi uma lucta medonha, mas os lusitanos saíram cobertos de louros do campo da batalha e vão, conscios do seu valor, offerecer um sceptro e uma corôa ao seu destemido chefe Affonso Henriques. Estavam lançados d'um modo bem glorioso os fundamentos da nacionalidade portugueza, mas a lucta não cessara. Antes parece, que esta ousadia d'um punhado de guerreiros enraivecera o leão de Castella, o qual increspando a juba avança destemido e tenta despedaçal-os com as suas garras. Outros que não fossem os gigantes do Herminio teriam baqueado.

Após tantos louros colhidos, não deixaram enferrujar as suas espadas. A mourisma dominava ainda na Peninsula. Era necessario libertar esta terra do estacionamento, a que estava conlemnada pelos sectarios de Mafoma. E só á custa de muito sangue é que o Christianismo pôde dominar livremente n'este abençoado solo lusitano.

Então a cruz foi basteada nas grimpas das nossas igrejas e o glorioso pendão das quinas veio substituir o crescente do Islam.

Tempos de maior gloria, louros ainda não colhidos estavam destinados a Portugal.

Deante de nós espraiava-se o oceano Atlantico a convidar-nos á gloria. Foi então pelo seculo XV, que principiou para Portugal a epoca de verdadeira grandeza. Então foi o nome portuguez levado sobre as ondas do Oceano a paragens ignotas. A Europa via com assombro o arrojo, quasi a loucura, com que os portuguezes iam em demanda de mundos desconhecidos.

Pequeno era o mundo então conhecido.

O continente africano estava envolto nas trevas caliginosas do Mar tenebroso, que principiava cá muito ao norte, no cabo Bojadôr.

E os portuguezes lá vão afoitamente por esse mar dentro, que era a terra de todos, e descobrem ilhas sem conta, golfos, mares, rios e costas até então desconhecidas, abrindo largos horisontes á sciencia, dando forças e incitamento a outras.

Lá ao sul levanta-se fero e indomito o gigante Adamastor. Quem ousará arrostar a sua colera? Quem abrandará as suas iras?

E' Bartholomeu Dias, que ousa approximar-se d'elle. E' Vasco da Gama, que apea esse colosso gigante e contornando a Africa traça no mappa-mundi os limites precisos d'esse vasto continente.

Mas não param aqui os destemidos navegantes. O caminho para o Oriente até então um impossível fica traçado claramente na superficie espumosa do Oceano. Foi este um serviço enorme, que prestamos á Europa. Só por si seria bastante para constituir a nossa immortalidade. Então as nossas náos velejam donairosas no mar das Indias e os nossos marcantes lá vão descobrindo e dando nome a terras sem conta, até que chegam a formar o vastissimo Estado da India, que se estendia de Ormuz a Malaca!

Virando de rumo lá vemos Cabral a descobrir as terras de Santa Cruz, Côrte Real o Canadá e a Terra Nova, Fernão de Magalhães circumnavegando o globo. E lá para a

Oceania tambem se fez sentir a nossa benefica influencia; fomos nós os primeiros, que arribamos a essas ilhas, que como as estrellas no firmamento, cobrem o Grande oceano. A Australia foi descoberta por nós em que peze a ambiciosos.

Fomos a toda a parte, corremos todo o mundo, cruzamos todos os mares. Sentimos os ardentes calores das terras equatorias e o frigido clima das regiões hyperboreas.

A nossa influencia era benefica, o nosso dominio humanitario. Ao mesmo tempo que descobriamos e conquistavamos, civilizavamos. A cruz do missionario, a espada do guerreiro e a bussola do marinheiro, eram inseparaveis. Levamos muito longe a civilisação e a fé. Na India, no Thibet, na Tartaria, nas cidades populosas do Celeste Imperio e do Japão e nas florestas virgens do Brazil hasteamos a Cruz, que é e será sempre precursora da civilisação. O nome portuguez ficou gravado n'essas longinquas paragens a attestar aos vindouros o muito que trabalhamos em prol da humanidade e da sciencia. Eramos uma nação pequena, possuimos dous palmos de terra aqui a um canto da Europa, mas fizemos o que nenhuma das grandes nações fez até hoje, podemos dizel-o com orgulho.

Sirva-nos ao menos isto de conforto nos dias de desdita, que ora atravessamos.

Collegio de S. Damaso.

P.º Hermano Amandio.

DIALOGO ENTRE UM CATHOLICO

E UM

INDIFFERENTISTA

—Acreditas, pergunta o catholico, n'um Deus justo, que n'uma vida futura premiará o homem bom e castigará o homem mau?

—Não creio; *duvido* que assim seja, respondeu o indifferentista. A existencia de Deus não será mera hypothese; mas a vida futura é problema ainda não resolvido.

—Pensando assim, não crês que a religião christã seja ensinada por Deus para que o homem a observe!

—Tambem não creio; tenho *duvida* sobre a divindade d'essa religião e sobre esse preceito. Qual das tantas religiões seja a verdadeira ainda hoje é uma incognita.

—Mas ao menos não acreditarás que ser indifferente á prática do christianismo é um perigo, e que em o observar não ha perigo, que se receie além campá?

—Não creio! eu *duvido* que ser indifferente seja um perigo para alcançar uma feliz vida futura, no caso de esta existir; *creio* apenas n'uma cousa e é que em seguir o christianismo não ha perigo para obter essa vida feliz, se é que existe. Elle é tão puro em sua moral, tão magestoso em seu culto, tão sabia e prudente a corporação, que o ensina, que Deus seria injusto se castigasse o homem, que o observa, ainda que elle não seja de origem divina. Não sei que haja sobre a terra auctoridade mais competente em assumptos religiosos do que a auctoridade da egreja docente; seguir, pois, o que na terra é o mais seguro nunca será motivo de condemnação; se Deus existe, Deus é justo.

—Mas ah! como poderá, então, ser de homem prudente esse teu indifferentismo? Quando *duvidas* que um pouco adiante, no caminho, que segues por noute escura, ha um abysmo em que para sempre te precipitarás se n'elle proseguires, não tomas o caminho *seguro* ainda que o seu percurso te seja um pouco mais molesto? Quando *duvidas* que um teu innocente filho, que brinca na praia, tenha discernimento para se não deixar arrebatá pela onda, não corres pressuroso a desvial-o do abysmo para o conservares em segurança junto a ti?

—Certamente. Nem sobre interrogações semelhantes é sensato levantar polemicas.

—Muito bem. E porque não serás, então, do mesmo parecer quanto á prática do christianismo? E' para ti *duvidoso* que o indifferentismo conduza a um abysmo; mas ao

mesmo tempo é para ti *certo* que o christianismo é caminho por onde se evita esse abysmo. Porque não praticas, pois, o christianismo?!

—Ah! como eu era insensato, que nem ao menos em assumpto tão momentoso pensava no aphorismo vulgar e simples, que diz: não deixes o certo pelo duvidoso!

Acabe-se, pois, em mim o indifferentismo e seja eu sempre fiel observante da religião ensinada pela Igreja.

.....

Assim, por um dialogo singelo, sem apparatus scientificos, se convence o indifferentista religioso do errado caminho que prosegue.

Braga, Novembro de 1893.

P.^e Manuel d'Albuquerque.

Collegio Vimaranense

DE

S. DAMASO

«Irei contra o que devo, e serei breve.»
Camões—C. III, E. 1^o—Lusiadas.

I.—Nenhuma casa esmerada d'ensino secundario, «de que tenham feito exames no lyceu nacional de Braga os alumnos respectivos.» tem attingido até hoje uma cifra d'aproveitamento em tão subido grau, como o *Collegio Vimaranense de S. Damaso*, inaugurado auspiciosamente no extincto convento jeronymiano da Costa no *monte da Penha*: (Serra de Santa Catharina).

E tão comprovado está hoje no publico este aproveitamento didactico surprehendente, «até pela preferencia da escola escholar a outras casas analogas,» que não é mister adduzir para isso provas e testemunhas: bastando dizer-

se apenas com o *Camões* nos *Lusiadas* — Cant. V. Est. LXXXIX:

A verdade que eu conto, nua e pura,
vence toda a grandiloqua escriptura!

II.—Antolha-se-nos por isso, que a Providencia fadára *ab initio* esta casa religiosa para mansão das lettras e sciencias, ao inaugurarem-se n'ella outr'ora *estudos publicos* com munificencia magestatica, «conforme ainda hoje testemunha alli uma lapide não pequena, embutida na parede exterior da rotunda da capella-mór do templo, e sobremodo veneranda pelos testemunhos que nos adduz.

E por isso no proficuo florir d'esses estudos publicos d'outr'ora, (onde os cursaram os infantes D. Duarte, bastardo de D. João III, e D. Antonio, Prior do Crato depois; e onde eram dados graus de licenciados, bachareis, e mestres em artes, em egualdade de privilegios e isenções com os dados na universidade de Coimbra); assim como tambem no fulgor magnetisante dos estudos collegiaes d'agora; poderá exclamar de continuo a voz ingente da fama com o *Camões* nos *Lusiadas*—Cant. III. Est. XCVII:

O valioso officio de Minerva,
(quanto pôde d'Athenas desejar-se).
tudo o soberbo Apollo aqui reserva:
aqui as capellas dá tecidas d'ouro,
do baeharo e do sempre verde louro!

III.—Não será todavia para maravilhar tudo isto, se por ventura nos lembrarmos como cumpre, o ter sido sempre norma solemne d'esta casa bem fadada—*outr'ora e agora*—aquella profissão augustissima de crenças religiosas, a que magestosamente exalça o *Camões* nos *Lusiadas* — Cant. I. Est. LXV:

A lei tenho d'Aquelle, a cujo imperio
obedece o visivel e invisivel;
Aquelle que creou todo o hemispherio,
todo o que sente e todo o insensivel;

que padeceu deshonra e vituperio,
soffrendo morte injusta e insoffrivel;
e que do céu á terra enfim desceu,
por subir os mortaes da terra ao céu!

Braga—1893.

O Decano do Lyceu,
Pereira Caldas.

Crença, Patriotismo e Instrução

Ha, no mundo social, uma Trindade, que todos devem amar e sem a qual não póde haver a consideração pela familia, o respeito mutuo entre os individuos, o progresso bem entendido e a bem entendida liberdade.

E, assim como, na Trindade Divina, uma pessoa não póde existir sem a outra, assim tambem, n'esta Trindade do mundo social, se faltar uma das entidades, já as outras não podem existir; ou, se existem, não teem a força, a vitalidade e o brilhantismo, que lhes são essenciaes e indispensaveis, para se enobrecerem.

*

Essa entidade social são a crença, a instrução e o patriotismo.

Sem a crença a instrução degenera em vaidade propria e na utilidade commum.

E' um perfeito egoismo. E' o monopolio da sciencia.— Não é um fim para a utilidade geral; é apenas um meio para agenciar ganancias. Sem a crença, não ha persistencia, necessaria para os longos dias de estudo e para as longas noites de meditação. O patriotismo degenera em interesse pessoal; não tem o fogo, que dá alento nas dedicações para os grandes commettimentos; para os heroicos sacrificios; pa-

ra encararmos a morte sem receio e só com a mira na utilidade publica e na gloria da terra, que nos deu o berço.

*

A crença sem o patriotismo não tem o enthusiasmo pelas grandes solemnidades religiosas, não tem a inspiração do brilhantismo do culto e torna-se muitas vezes egoista e sem o desejo de vermos os nossos conterraneos sob as abobadas do mesmo templo, entoando os mesmos hymnos e elevando ao ceu as mesmas preces.

A crença, sem instrução, póde degenerar em fanatismo, em ridicula hypocrisia ou n'uma exaltação de espirito, contraria a todos os principios religiosos e que quasi sempre nos leva a mal entendidos escrupulos.

*

O patriotismo sem instrução leva os homens a uma orientação incomprehensivel e quasi sempre inconsciente. Incita as ambições, traz as desordens sociaes e muitas vezes causa a anarchia nos governados e nos governantes a oligarchia, que «é a tyrannia dos povos»!

*

Nenhuma d'estas tres entidades pois, deve existir sem as outras.

E parece-nos, que não erramos, dizendo que assim o entenderam, e muito bem, os illustrados Directores do Collegio de S. Damaso.

Dando a este estabelecimento o nome do Santo Vimaranes, attenderam aos principios religiosos e ao amor da Patria; porque se Damaso se tornou grande pelas suas virtudes tambem ennobreceu com ellas a cidade de Guimarães, onde está estabelecido o mesmo collegio e que tambem é nobre como berço da monarchia e como Patria de outros he-

roes, dignos de honroso nome, assim como é notavel pelas suas industrias e por seus laboriosos filhos.

Se n'este collegio se presta um serviço á instrucção e se animam, os mancebos estudiosos, ao amor ás letras e ao respeito pelas verdades religiosas, publicando a muito apreciavel revista=*Crença & Letras*=tratam de derramar no publico os mesmos principios, que em particular vão innocuando.

N'este collegio e n'esta revista vê-se o amor á crença, á patria e á instrucção.

Haverá nada mais sublime, mais louvavel, mais digno de encomios?

*

D'aqui enviamos uma saudação áquelles, que tantos serviços prestam em publico e em particular.

Como crentes, terão as bençãos do Céu.

Como patriotas, terão os louvores dos seus concidadãos e, especialmente, dos vimaranenses.

Como preceptores e litteratos terão, no presente, a satisfação intima de que sempre gosam os benemeritos, e no futuro, terão os seus nomes ao lado dos que se tornaram notaveis por seus escriptos.

Aveiro, 1893.

Rangel de Quadros.

AS FESTAS DA INSTRUÇÃO

Não ha nada mais caracteristico da missão predominante d'este seculo do que uma festa em honra da instrucção. Palpita n'esses deliciosos jubilos o santo entusiasmo que impelle a geração actual pelo caminho das prefulgentes conquistas do espirito. E' a physionomia moral do nosso tempo

que se espelha a traços fieis n'essas intensas expansões da alma.

Os seculos, assim como os simples individuos, assignalam-se na historia da humanidade pela indole especial das suas ideias e particular fórma da sua collaboraçaõ na obra evolucionaria do progresso moral e material. O seculo XIX, porisso mesmo que se cognomina o *seculo das luxes*, brazona-se com a nobilissima missãõ de ser o fomentador da instrucçaõ, como os seus immediatos predecessores o foram respectivamente da philosophia e das bellas lettras. Os hymnos festivos com que celebramos a eschola e as manifestaçoẽs brilhantes do seu ensinamento, sãõ, portanto o resultado logico da ditosa fatalidade imposta á nossa época pela intervençaõ de uma corrente de ideias e sentimentos communs.

O impiedoso philosopho de *Ferney* affirmou que—*il y a des gens qui ne sont ni de leur siècle ni de leur pays*: pôde ser que aquelles que entre nós promovem festas em honra da instrucçaõ não sejam, infelizmente, do seu paiz; do seu seculo apraz-nos a nós reconhecer que com certeza elles sãõ.

Famalicão, 1893.

Sousa Fernandes.

ALUMNOS PREMIADOS



Premios litterarios:—Manuel Lopes Leite de Faria, Abel Alves ó Freitas Torres, Altino da Costa Maia, Arnaldo V. Neves da Cruz (2), Augusto de Campos Pinto (2), Antonio Maria de Pinho, Antonio Maria P. do Amaral e Freitas, Albino d'Azevedo Maia (2), José Sumavielle (3), Luiz Augusto de Araujo, Joaquim Hermano Mendes de Carvalho.

Musica:—Albano Gustavo de Mesquita Cirne, José Ribeiro Moreira de Sá Mello.

Comportamento:—João Faria S. A. Queiroz, Alfredo Mendes da Silva, Manoel Lopes L. de Faria, José Carneiro Leão Queiroz, Altino da Costa Maia, Fernando Mendes de Vasconcellos, Manoel Jorge Coimbra, José Sumavielle, Manoel F. dos Santos Sol, Manoel G. Coelho de Motta Prego.

Diplomas litterarios:—Antonio Fortunato Silva Basto, Abilio Antunes d'Azevedo, Alfredo Mendes da Silva, Amilcar B. Martins da Cruz, José Casimiro da Costa, Herculano Xavier T. Guimarães, Manoel José Martins, Alberto Machado Sampaio Bastos, Augusto de C. Pinto, Manoel F. dos Santos Sol, Altino C. Maia, Antonio Augusto d'Oliveira, Arnaldo V. Neves da Cruz, Arlindo Candido Martinó, Alberto M. Sampaio Bastos, Manoel F. dos Santos Sol, Manoel Antunes d'Azevedo, Fernando M. de Vasconcellos, Nicolau d'Arrochella V. A. Sodrê. Antonio Dias Machado, Manoel Antunes d'Azevedo, José Ribeiro de Sá Mello, João Monteiro de Meira, José Carneiro Leão Queiroz, Seraphim F. de Lima, Fernando M. de Vasconcellos, Alberto V. da Costa Leite, Albano Gustavo de M. Cirne, Joaquim Hermano M. de Carvalho, Avelino A. V. Pinto, Basilio A. V. Pinto, Francisco Barbosa Sotto Mayor, Antonio da Fonseca Pereira Guimarães, José F. Leite, Aureliano Armindo A. S. Leite.

Diplomas em musica:—Alberto Ribeiro Jorge, Manoel B. d'Araujo Abreu, José Torres Gaspar A. Pereira Guimarães, Nicolau d'Arrochella, Basilio A. V. Pinto, Avelino A. V. Pinto, Francisco Augusto d'Oliveira, Albino d'Azevedo Maia, Carlos Ribeiro Borges.

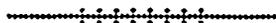
Diplomas de bom comportamento:—Domingos Martins, Amilcar Barca, Martins da Cruz, Manoel José Martins, Albino d'Azevedo Maia, Albano Gustavo de Mesquita Cirne, Seraphim F. de Lima, Antonio Augusto d'Oliveira, Joaquim Hermano M. de Carvalho, Luiz Queiroz Vieira de Castro, José Ribeiro Vieira de Castro Sobrinho, Oscar Menezes Areias, Manoel Joaquim de Faria Azevedo, Antonio da Fonseca Pereira Guimarães, Albino Mendes d'Oliveira.



Este numero especial da

CRENÇA & LETRAS

encontra-se á venda nas principaes livrarias do Porto e nos kiosques da praça de D. Pedro.



O producto de venda avulso d'este numero, é destinado á Associação Escolar de S. Luiz, no Collegio de S. Dámaso.

PREÇO 200 REIS

